

Edição No. 670 | 13 de Julho 2023

Os Cabo-verdianos veem a violência baseada no género como a questão mais importante dos direitos das mulheres

Afrobarometer Edição No. 670 | José Semedo e Aleida Borges

Sumário

As medidas socioeconômicas resultantes do isolamento durante a pandemia do COVID-19 e a atual crise econômica mundial, que se agudizou com os efeitos da guerra na Ucrânia e da subsequente crise inflacionária, têm contribuído para aumentar a vulnerabilidade da mulher na sociedade. De acordo com a ONU Mulheres (2021), desde o surto da COVID-19, os dados e relatórios emergentes mostram que a nível mundial todos os tipos de violência contra as mulheres e raparigas, particularmente a violência doméstica, se intensificaram, fenômeno que ficou conhecido como a “pandemia sombra.”

A violência baseada no género se enquadra num leque de prejuízos e desigualdades nas relações sociais entre homens e mulheres, que são produzidas e reproduzidas por práticas quotidianas impregnadas num sistema de dominação que resiste a desaparecer (Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania, 2020). Isto apesar da Lei No. 84/VII/11, também conhecida como Lei VBG, veio tornar público e autonomizar o crime da violência com base no género, com o objetivo de redefinir as construções sociais à volta da ideia de masculinidade e feminilidade em Cabo Verde. Os casos continuam frequentes: Segundo dados do Ministério Público (2021), apesar de uma diminuição de 2,1% no número de processos que deram entrada em 2020/2021, em relação a 2019/2020, estes números continuam significantes com as maiores incidências registradas na Praia (1.585), no Sal (1.040), em Santa Catarina (336), em São Vicente (265), em Santa Cruz (230), no Tarrafal (162), na Boa Vista (158) e, em São Filipe (151). O Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género apontou para um aumento na procura dos seus serviços em 2022 (Expresso das Ilhas, 2022). Além disso, muitos casos de VBG não são notificados (Palermo, Bleck, & Peterman, 2014).

Neste contexto, analisamos como os Cabo-Verdianos percebem questões de violência baseada no género. Os resultados do mais recente inquérito da Afrobarometer (2021/2022) mostram que enquanto a maioria da população identifica a violência baseada no género como a questão mais importante relacionada aos direitos das mulheres a ser abordada pelo governo e pela sociedade, esta mesma violência não é considerada um problema frequente nas suas próprias comunidades.

A maioria dos cidadãos dizem que os homens nunca têm justificativa para usar a força física para disciplinar suas esposas. A maioria consideram a VBG um assunto criminal, em vez de um assunto privado a ser resolvido dentro da família, e acredita que a polícia provavelmente levará a sério os casos relatados de VBG. Mas mais da metade também considera provável que uma mulher que denuncie tal crime à polícia seja criticada, assediada ou envergonhada por outras pessoas da comunidade.

Inquéritos da Afrobarometer

O Afrobarometer é uma rede de pesquisa pan-africana e não partidária que fornece dados confiáveis sobre experiências africanas e avaliações de democracia, governança e qualidade de vida. Nove rodadas de pesquisas em até 39 países foram concluídas desde 1999. As pesquisas da 9ª rodada (2021/2023) estão em andamento. Os parceiros nacionais do Afrobarometer conduzem entrevistas face a face no idioma de escolha do entrevistado.

A equipa do Afrobarometer em Cabo Verde, liderada pela Afrosondagem, entrevistou uma amostra nacionalmente representativa de 1.200 adultos cabo-verdianos em Julho e Agosto de 2022. Uma amostra desse tamanho produz resultados em nível de país com uma margem de erro de +/-3 pontos percentuais a um nível de confiança de 95%. Pesquisas anteriores foram realizadas em Cabo Verde em 2002, 2005, 2008, 2011, 2014, 2017 e 2019.

Principais conclusões

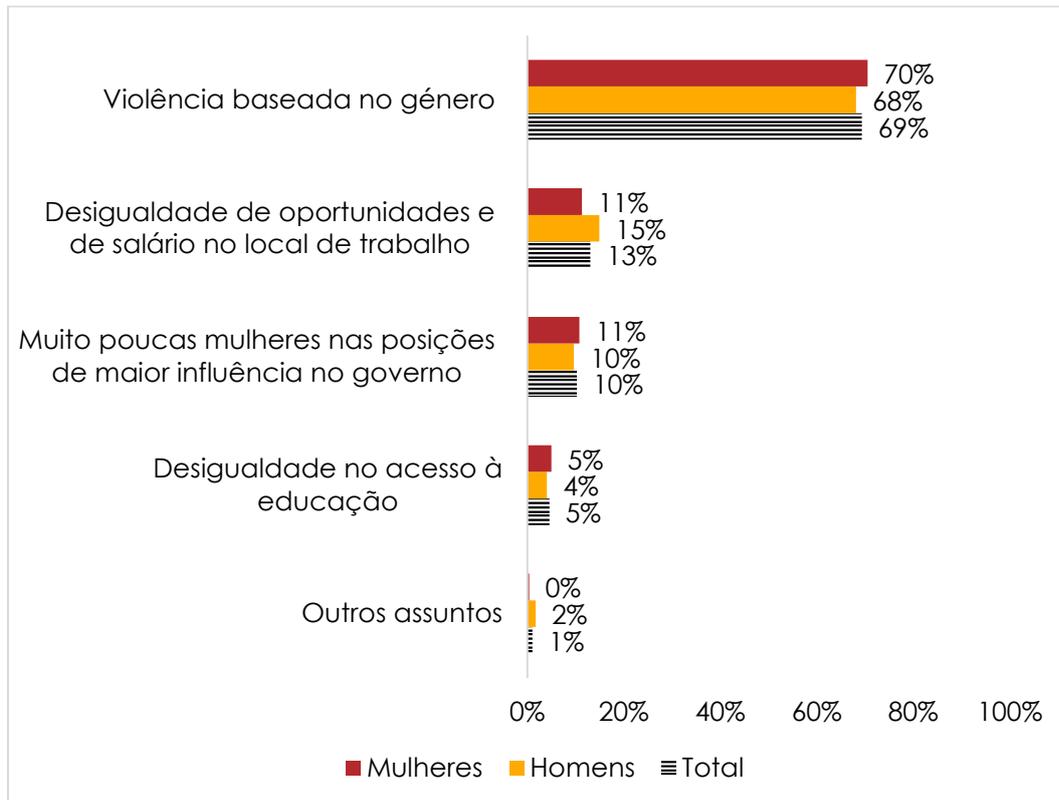
- Mais de dois terços (69%) dos Cabo-verdianos identificaram a violência baseada no gênero como a questão mais importante relacionada aos direitos das mulheres a ser abordada pelo governo e pela sociedade.
- A maioria (58%) dos Cabo-verdianos dizem que a violência contra as mulheres e raparigas é "não muito comum" ou "nada comum" nas suas comunidades, mas 38% discordam.
 - Os residentes urbanos são mais propensos do que os residentes rurais a dizer que a VBG é uma ocorrência comum (43% contra 26%). Esta percepção também é mais difundida entre os cidadãos sem educação formal (45%) e aqueles que vivem em situação de pobreza elevada (42%) do que entre os seus homólogos mais instruídos e em melhor situação.
- Constitui praticamente uma unanimidade (97%) entre os Cabo-verdianos a defender que não se justifica nunca os homens usarem a força física contra as suas esposas.
- Mais de metade (53%) dos Cabo-verdianos afirmam que a mulher será criticada, assediada ou troçada na sua comunidade caso ela for à polícia denunciar que foi vítima da VBG.
- A maioria (80%) dos cidadãos acreditam que se uma mulher for à polícia para fazer uma denúncia por ter sido vítima de violência baseada no gênero, é muito provável que o caso seja tomado seriamente pela polícia.
- Oito em cada 10 Cabo-verdianos (80%) dizem que a violência doméstica é uma questão criminal cuja resolução completa requer o envolvimento de agentes de aplicação da lei, ao invés de um assunto de fórum privado que deve ser tratado e resolvido no seio da família.

A violência baseada no gênero é um problema importante em Cabo Verde?

Quando interrogados sobre a mais importante questão relacionada aos direitos das mulheres a ser abordado pelo governo e pela sociedade, uma grande maioria (69%) dos Cabo-verdianos identificam a violência baseada no gênero como a prioridade máxima. Esta maioria inclui 70% das mulheres e 68% dos homens (Figura 1). Também se verificou uma maioria mais expressiva (71%) nas zonas urbanas do que nas zonas rurais (64%).

Outras questões incluíram a desigualdade de oportunidades e de salário no local de trabalho, identificada por 13%, e a falta de representação das mulheres nas posições de maior influência no governo (10%).

Figura 1: Questões mais importantes dos direitos das mulheres | por gênero | Cabo Verde | 2022



Pergunta aos entrevistados: Na sua opinião, qual das seguintes questões relacionadas aos direitos e igualdade das mulheres você acha que é a mais importante para serem abordadas pelo governo e pela sociedade?

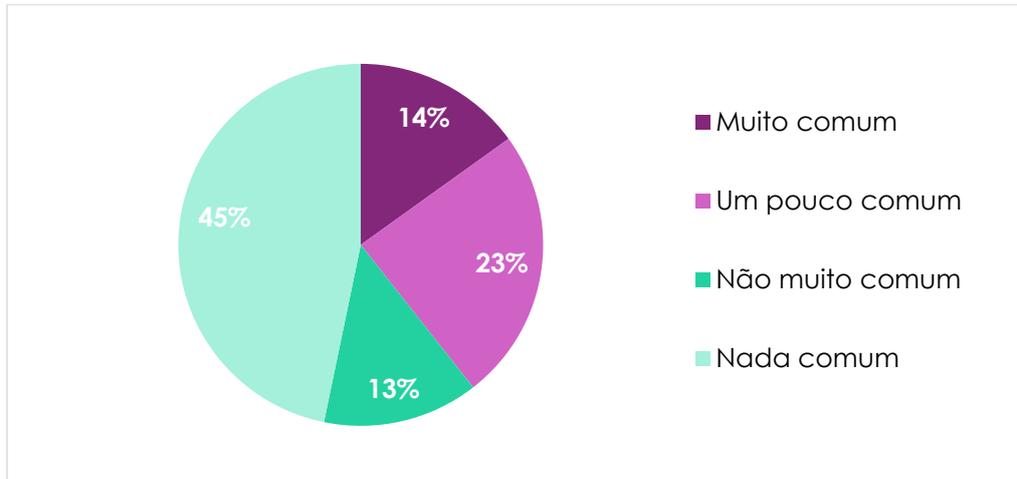
Quão comum é a VBG?

Quase quatro em cada 10 Cabo-verdianos (38%)¹ dizem que a VBG acontece frequentemente na sua comunidade, enquanto a maioria (58%) a descrevem como "não muito comum" (45%) ou "nada comum" (13%) (Figura 2).

Regista-se uma grande diferença entre os residentes nas zonas urbanas e rurais, com 43% entre os primeiros a afirmar que é comum, contra 26% nas zonas rurais. A percepção de que a VBG é uma ocorrência comum também é mais difundida entre os cidadãos sem educação formal (45%) e aqueles que vivem em situação de pobreza elevada (42%) do que entre os seus homólogos mais instruídos e em melhor situação (Figura 3).

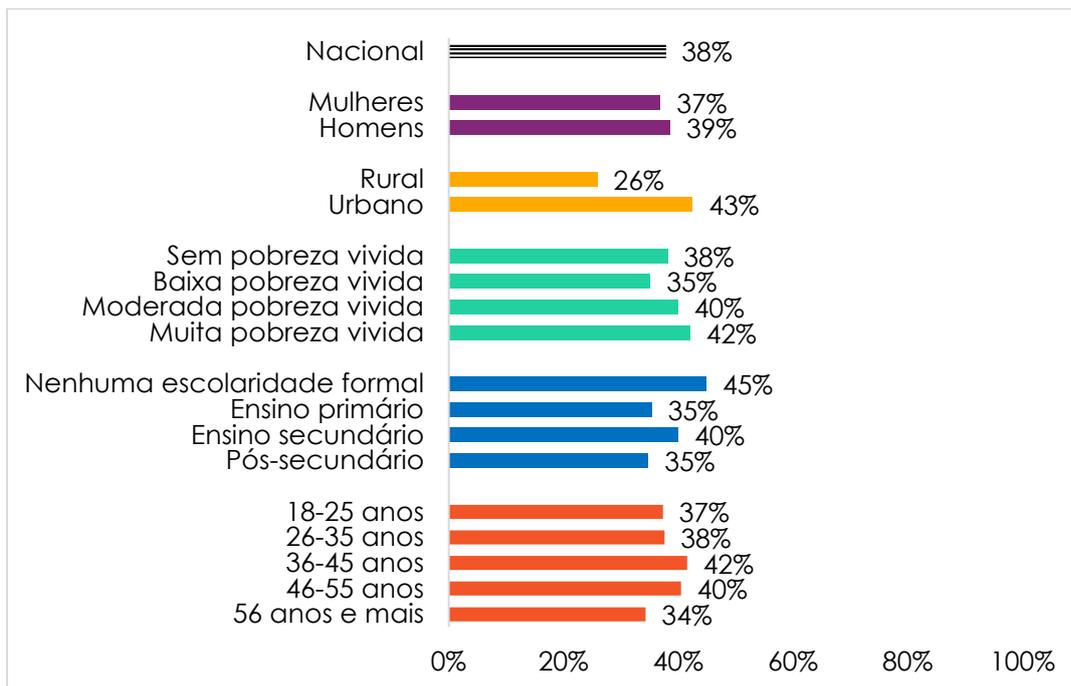
¹ Devido a arredondamentos, as porcentagens das categorias combinadas relatadas no texto podem diferir ligeiramente da soma das subcategorias mostradas nas figuras.

Figura 2: A violência de gênero é uma ocorrência comum? | Cabo Verde | 2022



Pergunta aos entrevistados: Na sua comunidade, quão comum você acha que é os homens usarem violência contra mulheres e meninas em casa ou na comunidade?

Figura 3: A violência de gênero é uma ocorrência comum | por grupo demográfico | Cabo Verde | 2022



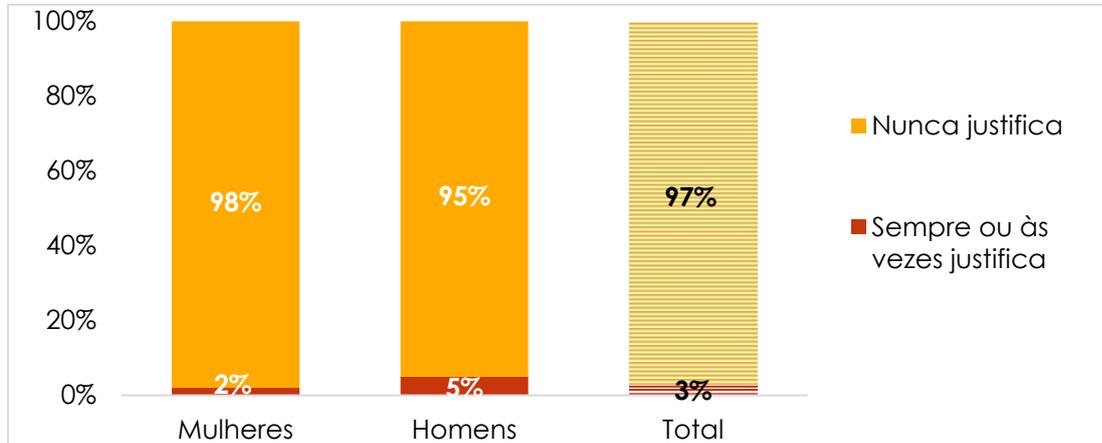
Pergunta aos entrevistados: Na sua comunidade, quão comum você acha que é os homens usarem violência contra mulheres e meninas em casa ou na comunidade? (% que dizem "um pouco comum" o "muito comum")

Disciplina física a um cônjuge

É quase unânime entre os Cabo-verdianos, com 97%, a afirmarem que nunca se justifica que os homens usem a força física contra as suas mulheres se estas fizerem algo de que não gostam ou que consideram errado, enquanto apenas 3% – incluindo 5% dos homens – consideram que "às vezes" ou "sempre" se justifica (Figura 4).

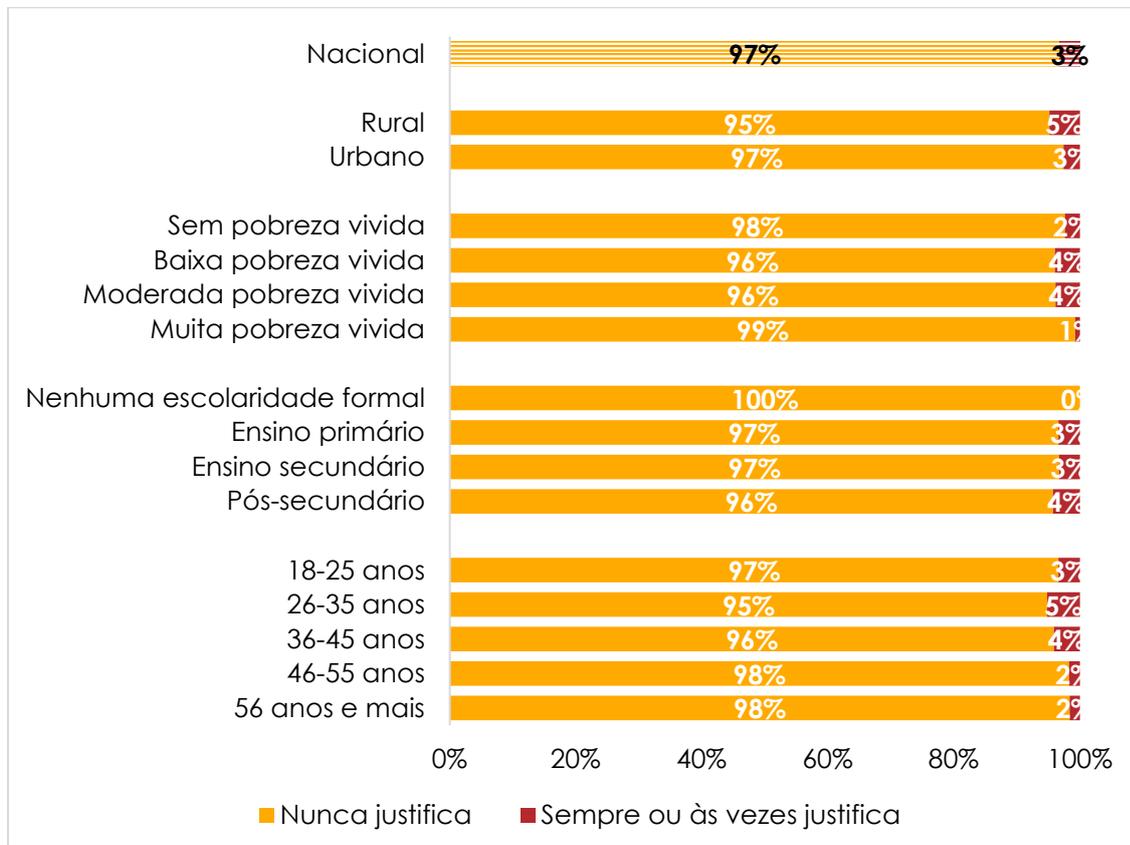
A oposição ao uso de força física por um homem é muito alta (95% ou mais) em todos os principais grupos sociodemográficos (Figura 5).

Figura 4: É justificável que os homens disciplinem fisicamente suas esposas?
 | por género | Cabo Verde | 2022



Pergunta aos entrevistados: Para cada uma das seguintes ações, por favor, diga-me se você acha que, sempre pode ser justificado, às vezes é justificado ou nunca se justifica: Os homens usarem a força física contra as suas esposas se elas fizerem algo que eles não gostam ou pensam que é errado?

Figura 5: É justificável que os homens disciplinem fisicamente suas esposas?
 | por grupo demográfico | Cabo Verde | 2022



Pergunta aos entrevistados: Para cada uma das seguintes ações, por favor, diga-me se você acha que, sempre pode ser justificado, às vezes é justificado ou nunca se justifica: Os homens usarem a força física contra as suas esposas se elas fizerem algo que eles não gostam ou pensam que é errado?

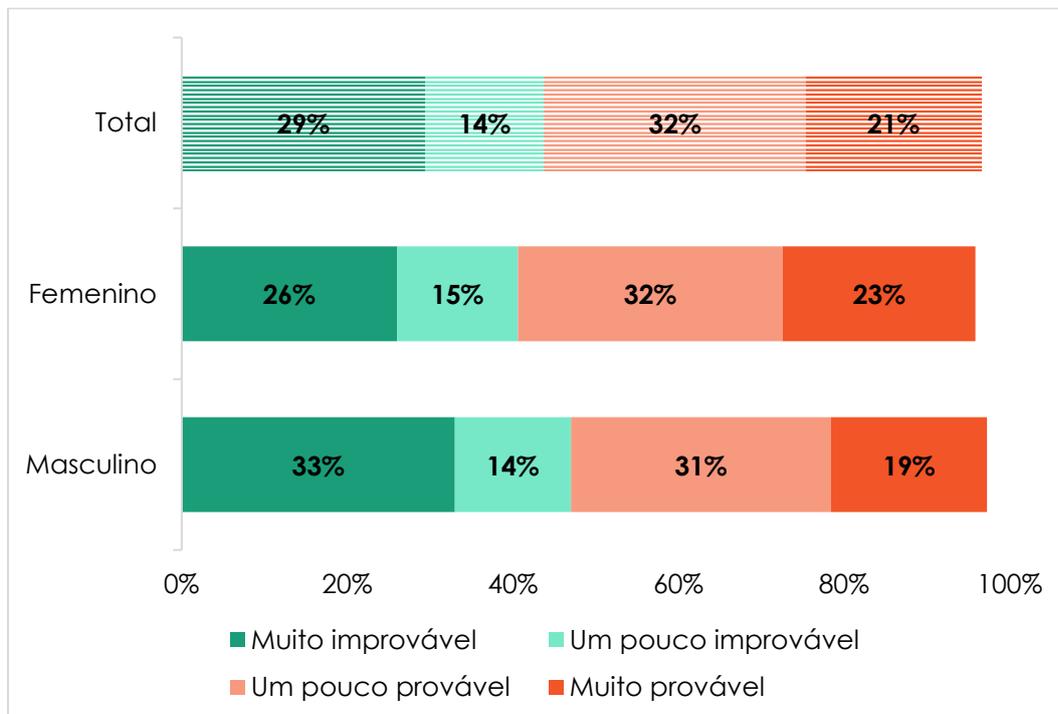
Resposta à VBG

A polícia e os académicos concordam que a verdadeira extensão da VBG é desconhecida porque muitos ataques a raparigas e mulheres nunca são denunciados. As razões incluem o medo do agressor, o medo de uma reação negativa por parte dos outros e a crença de que as autoridades não levarão o caso a sério (Palermo, Bleck, & Peterman, 2014).

Em Cabo Verde, mais de metade (53%) dos inquiridos consideram provável que uma mulher que denuncie ter sido vítima de violação, violência doméstica ou outra violência baseada no género seja criticada, assediada ou envergonhada por outras pessoas da comunidade, incluindo 21% que dizem que isso é "muito provável" (Figura 6).

As mulheres são um pouco mais propensas do que os homens a pensar que essa reação é provável (55% vs. 50%). Estas percepções podem ser um fator dissuasor significativo para a denúncia da VBG.

Figura 6: Uma mulher será criticada, assediada ou envergonhada por denunciar VBG? | por género | Cabo Verde | 2022

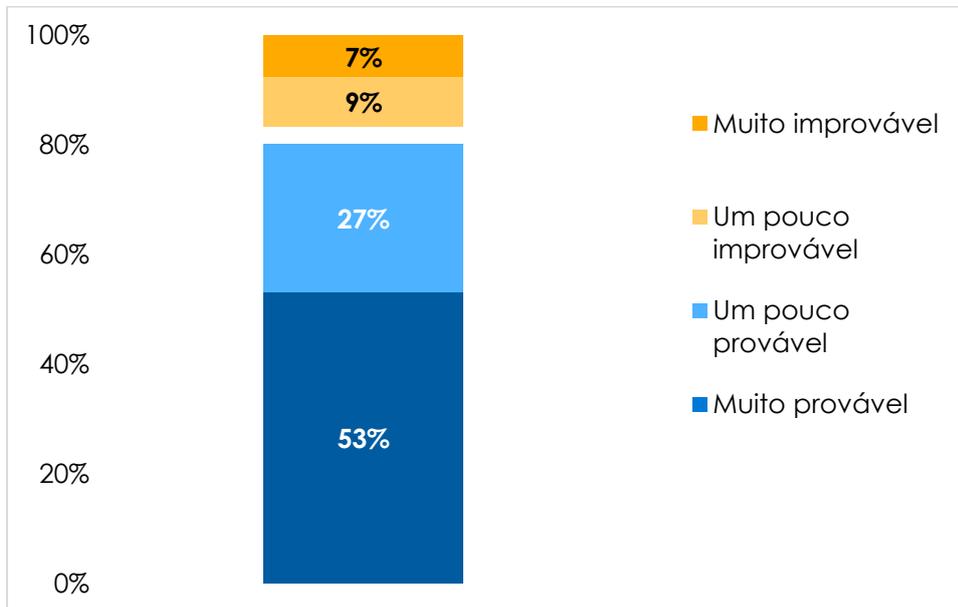


Pergunta aos entrevistados: Se uma mulher da sua comunidade for à polícia para denunciar que foi vítima de violência de género, por exemplo, para denunciar um estupro ou denunciar um abuso físico do marido, quão provável ou improvável que as seguintes coisas possam ocorrer: Ela será criticada, assediada ou troçada pelos outros na comunidade?

No entanto, a esmagadora maioria dos Cabo-verdianos acreditam que a polícia responderá adequadamente aos casos de VBG denunciados: 80% consideram provável que a polícia leve a sério essas denúncias, incluindo 53% que dizem que é "muito provável" (Figura 7).

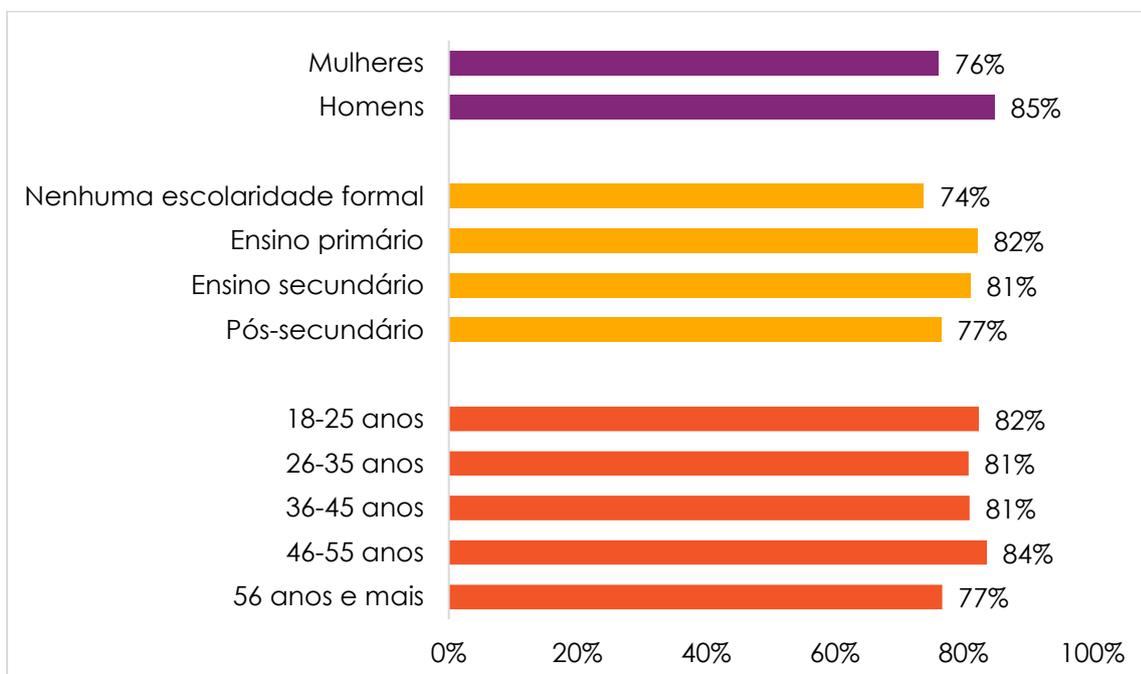
A confiança na resposta da polícia é um pouco menos forte entre as mulheres (76%) do que entre os homens (85%) e é menos forte entre os cidadãos sem escolaridade formal (74%) em comparação com aqueles com pelo menos o ensino primário (77%-82%) (Figura 8).

Figura 7: A polícia leva os casos de VBG a sério? | Cabo Verde | 2022



Pergunta aos entrevistados: Se uma mulher da sua comunidade for à polícia para denunciar que foi vítima de violência de gênero, por exemplo, para denunciar um estupro ou denunciar um abuso físico do marido, quão provável ou improvável que as seguintes coisas possam ocorrer: O caso dela será tomado seriamente pela polícia?

Figura 8: A polícia leva os casos de VBG a sério | por grupo demográfico | Cabo Verde | 2022



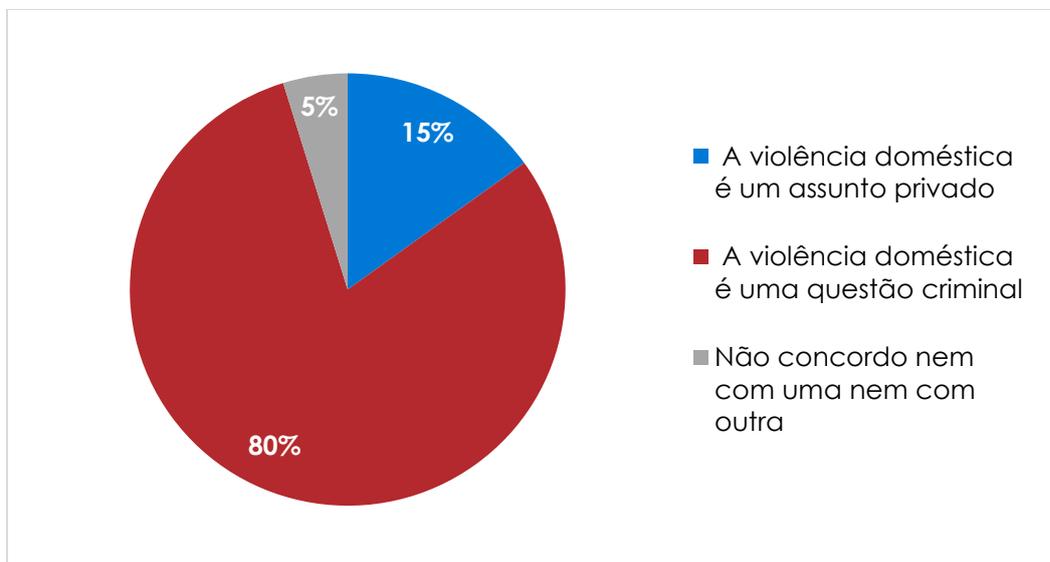
Pergunta aos entrevistados: Se uma mulher da sua comunidade for à polícia para denunciar que foi vítima de violência de gênero, por exemplo, para denunciar um estupro ou denunciar um abuso físico do marido, quão provável ou improvável que as seguintes coisas possam ocorrer: O caso dela será tomado seriamente pela polícia? (% que dizem "muito provável" ou "um pouco provável")

A violência doméstica é um assunto criminal ou privado?

Uma forma comum de VBG é a violência doméstica. Apesar de os perpetradores poderem ser conhecidos, muitos casos de violência doméstica não são denunciados ou não são resolvidos, e a maioria colocam as vítimas e as famílias perante decisões complexas e angustiantes. Os Cabo-verdianos encaram a violência doméstica como um assunto criminal ou um assunto privado?

Oito em cada 10 Cabo-verdianos (80%) afirmam que a violência doméstica é uma questão criminal cuja resolução completa requer o envolvimento de agentes da autoridade. Apenas 15% dos Cabo-verdianos defendem que a violência doméstica é um assunto privado que deve ser tratado e resolvido no seio da família (Figura 9).

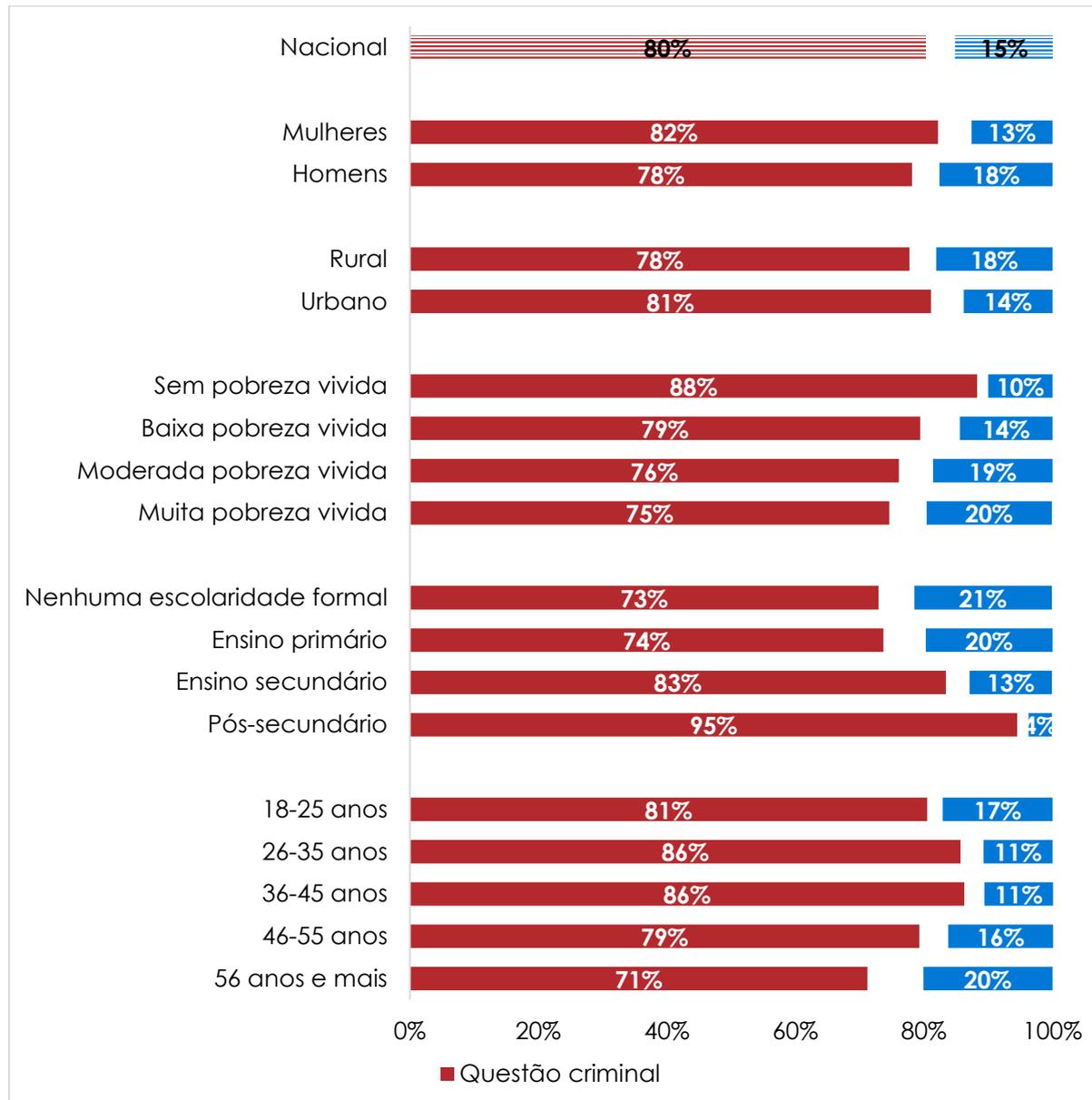
Figura 9: A violência doméstica é um assunto criminal ou privado? | Cabo Verde | 2022



Pergunta aos entrevistados: Qual das seguintes declarações está mais próxima da sua opinião?
 Declaração 1: A violência doméstica é um assunto privado que deve ser tratado e resolvido dentro da família.
 Declaração 2: A violência doméstica é uma questão criminal cuja resolução completa requer o envolvimento de agentes de aplicação da lei.
 (% que "concorda" ou "concorda fortemente" com cada declaração)

As percepções de violência doméstica como uma questão criminal são mais comuns entre as mulheres (82%, contra 78% os homens), entre os mais escolarizados (95%, contra 73% entre aqueles sem nenhuma escolaridade) e entre os sem pobreza vivida (88%, contra 75% entre aqueles na situação de muita pobreza vivida) (Figura 10).

Figura 10: A violência doméstica é um assunto criminal ou privado? | por grupo demográfico | Cabo Verde | 2022



Pergunta aos entrevistados: Qual das seguintes declarações está mais próxima da sua opinião?
 Declaração 1: A violência doméstica é um assunto privado que deve ser tratado e resolvido dentro da família.
 Declaração 2: A violência doméstica é uma questão criminal cuja resolução completa requer o envolvimento de agentes de aplicação da lei.
 (% que "concordam" ou "concordam fortemente" com cada declaração)

Conclusão

Em Cabo Verde, a maioria da população dão prioridade ao combate à violência baseada no género (VBG) como a principal questão dos direitos das mulheres. Embora a maioria dos Cabo-verdianos se opõem à violência física contra as mulheres e confie que a polícia tratará os casos de VBG com seriedade, a opinião divide-se quanto à probabilidade de críticas, assédio ou vergonha enfrentada pelas mulheres que denunciam tais incidentes.

A maioria dos cidadãos dizem que a violência contra as mulheres e raparigas é não comum nas suas comunidades, continuando, portanto, a ser visto como um problema distante, característico de outras comunidades. Assim como salientam a necessidade de criar espaços comunitários de abertura e diálogo onde comunidades possam considerar e expor questões de violência baseada no gênero de modo a alertar a população para as medidas de proteção existentes.

Faça sua própria análise dos dados da Afrobarometer – sobre qualquer questão, para qualquer país e rodada de inquérito. É fácil e gratuito em www.afrobarometer.org/online-data-analysis.

Referências

- A Nação. (2023). Dia internacional da mulher: Rosto da pobreza e desemprego é “essencialmente” feminin – PR. 8 de Março.
- Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania. (2020). II relatório nacional de direitos humanos 2010-2019.
- Expresso das Ilhas. (2022). ICIEG confirma aumento de casos de VBG e associa-o ao contexto pós-pandemia, crise económica e período de férias. 25 de Julho.
- Mattes, R., & Patel, J. (2022). Lived poverty resurgent. Documento de Política No. 84 do Afrobarometer.
- Ministério Público. (2021). Relatório anual sobre a situação da justiça – ano judicial 2020-2021.
- ONU Mulheres. (2021). Measuring the shadow pandemic: Violence against women during covid-19.
- Palermo, T., Bleck, J., & Peterman, A. (2014). Tip of the iceberg: Reporting and gender-based violence in developing countries. *American Journal of Epidemiology*, 179(5), 602-612.

José António Vaz Semedo é sociólogo e professor na Universidade de Cabo Verde. É director geral da Afrosondagem, parceira nacional da Afrobarometer em Cabo Verde. Email: jasededo@afrosondagem.cv.

Aleida Cristina Mendes Borges é jurista e investigadora/professora no Global Institute for Women's Leadership, King's College London (UK), onde lidera o programa de investigação Grassroots Women Leaders. Email: aleida.c.mendes_borges@kcl.ac.uk

A Afrobarometer, uma corporação sem fins lucrativos com sede em Gana, é uma rede de pesquisa pan-africana e apartidária. A coordenação regional de parceiros nacionais em cerca de 35 países é fornecida pelo Centro de Desenvolvimento Democrático de Gana (CDD-Gana), pelo Instituto de Justiça e Reconciliação (IJR) na África do Sul e pelo Instituto de Estudos de Desenvolvimento (IDS) da Universidade de Nairóbi no Quênia. A Michigan State University (MSU) e a University of Cape Town (UCT) fornecem suporte técnico à rede.

O apoio financeiro para a Afrobarometer é fornecido pela Suécia através da Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional, da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID) por meio do Instituto de Paz dos EUA, da Fundação Mo Ibrahim, da Open Society Foundations - Africa, da Fundação Bill & Melinda Gates, da William and Flora Hewlett Foundation, União Europeia, National Endowment for Democracy, Mastercard Foundation, Japan International Cooperation Agency, Konrad Adenauer Foundation, University of California San Diego, Global Center for Pluralism, World Bank Group, Freedom House, a Embaixada do Reino dos Países Baixos em Uganda, GIZ e Humanity United.

Acompanhe nossos lançamentos Os donativos ajudam o Afrobarómetro a dar voz aos cidadãos africanos. Por favor, considere fazer uma contribuição (em www.afrobarometer.org) ou contacte Felix Biga (felixbiga@afrobarometer.org) ou Runyararo Munetsi (runyararo@afrobarometer.org) para discutir o financiamento institucional. em #VoicesAfrica.

